

**AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:  
SILÊNCIOS, DESAFIOS E POSSIBILIDADES**

**LEARNING ASSESSMENT IN YOUTH AND ADULT EDUCATION: SILENCES,  
CHALLENGES AND POSSIBILITIES**

**LA EVALUACIÓN DEL APRENDIZAJE EN LA EDUCACIÓN DE JÓVENES Y  
ADULTOS: SILENCIOS, DESAFÍOS Y POSIBILIDADES**

Edivânia Fernandes de Souza<sup>1</sup> 0000-0003-0704-130X  
Isaura Francisco de Oliveira<sup>2</sup> 0000-0001-5691-5697  
Cecilia Conceição Moreira Soares<sup>3</sup> 0000-0003-1803-6370

<sup>1</sup> Universidade do Estado da Bahia – Bom Jesus da Lapa, BA, Brasil; vania.fernandes0602@gmail.com

<sup>2</sup> Universidade do Estado da Bahia – Bom Jesus da Lapa, BA, Brasil isaurauneb@gmail.com

<sup>3</sup> Universidade do Estado da Bahia – Salvador, BA, Brasil; ccsoares@uneb.br

**Resumo:**

A avaliação da aprendizagem ocupa lugar central no processo educativo, assumindo especificidades próprias na Educação de Jovens e Adultos (EJA), modalidade que atende sujeitos marcados por trajetórias escolares interrompidas, experiências sociais diversas e demandas formativas singulares. Este estudo, de natureza qualitativa, caracteriza-se como um estado da arte e tem como objetivo analisar as abordagens, práticas e desafios relacionados à avaliação da aprendizagem na EJA, identificando tendências e lacunas presentes na produção acadêmica no período de 2013 a 2023. A investigação foi desenvolvida por meio da análise de conteúdo, tomando como base artigos científicos localizados nas bases SciELO, Revista EJA em Debate, Revista Internacional de Educação de Jovens e Adultos e Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos, a partir do descritor “avaliação da aprendizagem AND educação de jovens e adultos”. Os resultados evidenciam a reduzida incidência de estudos que tratam a avaliação na EJA a partir das especificidades dessa modalidade, considerando aspectos como as experiências prévias de escolarização, as trajetórias de vida dos estudantes e os sentidos atribuídos ao aprender na vida adulta. Tal constatação aponta para a necessidade de ampliar as investigações sobre práticas avaliativas comprometidas com uma perspectiva formativa, dialógica e emancipatória, capazes de contribuir para o fortalecimento das práticas pedagógicas e para a permanência e o sucesso dos sujeitos na EJA.

**Palavras-chave:** avaliação da aprendizagem; educação de jovens e adultos; práticas avaliativas.

**Abstract**

Learning assessment occupies a central place in the educational process and assumes specific characteristics in Youth and Adult Education (YAE), a modality that serves learners marked by interrupted schooling trajectories, diverse social experiences, and particular formative needs. This qualitative study is characterized as a state-of-the-art review and aims to analyze the approaches, practices, and challenges related to learning assessment in YAE, identifying trends and gaps in academic production between 2013 and 2023. The investigation was conducted

through content analysis, based on scientific articles retrieved from the SciELO database, Revista EJA em Debate, International Journal of Youth and Adult Education, and the Brazilian Journal of Youth and Adult Education, using the descriptor “learning assessment AND youth and adult education.” The findings reveal a limited number of studies that address assessment in YAE considering the specificities of this educational modality, particularly aspects related to learners’ life trajectories, previous schooling experiences, and the meanings attributed to learning in adulthood. This gap highlights the need for further research that deepens the understanding of assessment practices aligned with a formative, dialogical, and emancipatory perspective, capable of strengthening pedagogical practices and promoting learners’ retention and success in Youth and Adult Education.

**Keywords:** learning assessment; youth and adult education; assessment practices.

### Resumen

La evaluación del aprendizaje ocupa un lugar central en el proceso educativo y presenta especificidades propias en la Educación de Jóvenes y Adultos (EJA), modalidad que atiende a sujetos marcados por trayectorias escolares interrumpidas, experiencias sociales diversas y demandas formativas particulares. Este estudio, de enfoque cualitativo, se caracteriza como un estado del arte y tiene como objetivo analizar los enfoques, las prácticas y los desafíos relacionados con la evaluación del aprendizaje en la EJA, identificando tendencias y vacíos en la producción académica entre 2013 y 2023. La investigación se desarrolló mediante el análisis de contenido, a partir de artículos científicos localizados en las bases SciELO, Revista EJA en Debate, Revista Internacional de Educación de Jóvenes y Adultos y Revista Brasileña de Educación de Jóvenes y Adultos, utilizando el descriptor “evaluación del aprendizaje AND educación de jóvenes y adultos”. Los resultados evidencian la escasa presencia de estudios que aborden la evaluación en la EJA considerando las especificidades de esta modalidad educativa, especialmente en lo que se refiere a las trayectorias de vida de los estudiantes, sus experiencias previas de escolarización y los sentidos atribuidos al aprendizaje en la vida adulta. Esta constatación señala la necesidad de ampliar las investigaciones sobre prácticas evaluativas comprometidas con una perspectiva formativa, dialógica y emancipadora, que contribuyan al fortalecimiento de las prácticas pedagógicas y a la permanencia y el éxito de los sujetos en la EJA.

**Palabras clave:** evaluación del aprendizaje; educación de jóvenes y adultos; prácticas evaluativas.

## Introdução

A avaliação da aprendizagem ocupa lugar estratégico no processo educativo; contudo, historicamente, tem sido reduzida a um mecanismo de aprovação ou reprovação, obscurecendo sua função pedagógica de acompanhamento, diagnóstico e intervenção. Conforme assinala Luckesi (2011), embora a avaliação devesse contribuir simultaneamente para a aprendizagem do estudante, para o desenvolvimento do professor e para o aprimoramento da instituição escolar, essa concepção ainda não se consolidou de modo efetivo nas práticas educativas. Nessa direção, a permanência de procedimentos avaliativos centrados no controle, na mensuração e

na classificação sustenta contradições entre o discurso pedagógico e as ações efetivamente desenvolvidas no cotidiano escolar, especialmente quando a avaliação deixa de cumprir sua função formativa e passa a operar como instrumento de exclusão (Hoffmann, 2014).

No campo da Educação de Jovens e Adultos (EJA), tais tensões tendem a se intensificar, uma vez que a avaliação incide sobre sujeitos cujas trajetórias escolares são frequentemente interrompidas e atravessadas por desigualdades sociais, culturais e econômicas. Esse cenário inscreve-se em um contexto mais amplo de persistentes disparidades educacionais no país. Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – Educação evidenciam diferenças expressivas na escolaridade média segundo cor ou raça, com desvantagens significativas para pessoas pretas e pardas em relação às brancas, reiterando assimetrias históricas no acesso, na permanência e na conclusão da escolarização (IBGE, 2024).

Essa realidade torna-se ainda mais evidente quando se observam as trajetórias educacionais de jovens e adultos negros no Brasil. De acordo com a PNAD Contínua (2024), a escolaridade média de jovens negros é 1,6 ano inferior à dos jovens brancos, enquanto a taxa de analfabetismo entre pessoas negras com 15 anos ou mais atingiu 7,1% em 2023, contra 3,2% entre pessoas brancas. Tais dados revelam barreiras estruturais que impactam diretamente os percursos formativos da população negra. Como afirmam Coelho, Oliveira e Soares (2024, p. 6), “raça e escolarização produzem efeitos concretos e perceptíveis nos percursos traçados pelos membros de grupos sociais racializados”, evidenciando que as desigualdades educacionais não podem ser compreendidas como resultado de trajetórias individuais, mas como expressão de processos históricos e sociais de exclusão.

Além disso, informações do IBGE indicam que a população negra representa a maior parcela entre os jovens que não concluíram o Ensino Médio ou sequer frequentaram a escola, reforçando a permanência de mecanismos estruturais de exclusão educacional (IBGE, 2024). Tal realidade confronta diretamente o princípio constitucional do direito à educação, uma vez que, conforme destacam Oliveira, Alves e Boaventura (2017, p. 122), a escola pública e gratuita constitui dever do Estado e direito de todos os cidadãos, assegurado pela Constituição Federal de 1988.

Nesse contexto, torna-se necessário problematizar em que medida abordagens avaliativas tradicionalmente aplicadas no ensino regular são transpostas para a EJA de forma descontextualizada, produzindo efeitos que podem ampliar vulnerabilidades e favorecer o afastamento dos estudantes. Barcelos (2014) aponta que a reprovação, frequentemente associada a notas baixas e à repetência, pode operar como fator decisivo no rompimento de

vínculos com a escola, intensificando processos de exclusão. Assim, discutir a avaliação da aprendizagem na EJA implica reconhecer as especificidades dessa modalidade e construir práticas avaliativas comprometidas com o acompanhamento do aprender, com o reconhecimento das trajetórias dos sujeitos e com a garantia da permanência escolar.

À luz dessas reflexões, o estudo problematiza como a avaliação da aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos tem sido abordada na produção acadêmica brasileira, buscando compreender quais práticas, concepções e desafios são evidenciados nas pesquisas e de que modo essas abordagens dialogam com as especificidades da modalidade. Com esse propósito, o trabalho tem como objetivo analisar as abordagens e práticas avaliativas na EJA por meio de um estudo do estado da arte, realizado a partir do mapeamento de produções acadêmicas sobre a temática. De modo específico, busca-se identificar as principais abordagens teóricas e metodológicas mobilizadas, os dilemas e desafios recorrentes nos processos avaliativos e as possibilidades apontadas pelas pesquisas para a qualificação da avaliação na EJA.

O artigo organiza-se da seguinte forma: após esse texto introdutório, apresenta-se o percurso metodológico adotado no estudo do estado da arte; em seguida, desenvolve-se a fundamentação teórica, que aborda a Educação de Jovens e Adultos a partir de seus sujeitos, impasses e direitos, bem como as concepções e desafios da avaliação da aprendizagem na EJA; na sequência, são apresentados os resultados do levantamento das produções acadêmicas; posteriormente, realiza-se a discussão dos achados à luz do referencial teórico; e, por fim, são tecidas as considerações finais, nas quais se sintetizam os principais achados e contribuições do estudo.

## Metodologia

Este estudo adota uma abordagem qualitativa, por compreender que a análise das produções acadêmicas sobre avaliação da aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos exige a interpretação de sentidos, concepções e significados atribuídos às práticas educativas. Conforme Minayo (2009), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo dos significados, das motivações, das crenças, dos valores e das atitudes, possibilitando uma compreensão aprofundada dos fenômenos educacionais em seus contextos históricos e sociais.

Do ponto de vista metodológico, a investigação caracteriza-se como um estudo do estado da arte, conforme a perspectiva de Romanowski e Ens (2006), que consiste no

levantamento, mapeamento, análise e síntese de produções científicas sobre uma determinada temática, permitindo identificar tendências, enfoques teóricos, lacunas e recorrências nas pesquisas existentes. Esse tipo de estudo mostra-se pertinente para compreender como a avaliação da aprendizagem na EJA tem sido abordada no campo acadêmico ao longo do tempo.

A coleta de dados foi realizada a partir da seleção de artigos científicos disponíveis na base SciELO e em periódicos especializados na área da Educação de Jovens e Adultos, a saber: Revista EJA em Debate, Revista Internacional de Educação de Jovens e Adultos (RIEJA) e Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos. Inicialmente, utilizou-se o descritor “Avaliação AND Aprendizagem AND Educação de Jovens e Adultos”. Diante da escassez de publicações na base SciELO, a busca foi ampliada para os periódicos específicos da área. O recorte temporal compreendeu o período de 2013 a 2023, contemplando produções que abordassem explicitamente a avaliação da aprendizagem na EJA, com fundamentação teórica e descrição metodológica claras.

Para a análise do material selecionado, adotou-se a análise de conteúdo, conforme Bardin (1977), seguindo as etapas de leitura flutuante, exploração do material, codificação, categorização e interpretação dos dados. Foram examinados os resumos, palavras-chave, introduções, procedimentos metodológicos, resultados e considerações finais dos artigos, com o objetivo de identificar as abordagens avaliativas predominantes, os desafios apontados e as especificidades atribuídas à avaliação na EJA. Como estratégia de sistematização, foram elaboradas tabelas síntese com informações sobre os estudos analisados, as quais subsidiaram a discussão dos achados apresentados nas seções seguintes do artigo

## **Fundamentação teórica: EJA e avaliação da aprendizagem**

À luz dessas problematizações, torna-se fundamental aprofundar a discussão teórica acerca da Educação de Jovens e Adultos e da avaliação da aprendizagem, compreendendo-as como dimensões indissociáveis da garantia do direito à educação. Tal aprofundamento exige reconhecer a EJA como espaço atravessado por sujeitos historicamente marcados por exclusões, bem como compreender a avaliação para além de sua função classificatória, situando-a como prática pedagógica, ética e política. Nesse sentido, a fundamentação teórica a seguir busca articular os debates sobre os sujeitos da EJA, seus impasses e direitos, com as concepções e desafios da avaliação da aprendizagem, oferecendo subsídios para a análise dos resultados e para a discussão das práticas avaliativas evidenciadas no levantamento realizado.

## **Educação de Jovens e Adultos: sujeitos, impasses e direitos**

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) constitui um campo educacional atravessado por diversidade social, geracional e territorial. Ao tratar de seus sujeitos, trata-se de homens e mulheres, trabalhadores e não trabalhadores, juventudes plurais, moradores de regiões metropolitanas e rurais, além de grupos historicamente vulnerabilizados — como pessoas negras, pessoas com deficiência e internos do sistema penitenciário (Andrade, 2004). São sujeitos cujos percursos escolares foram interrompidos e que, ao retornarem, carregam marcas de experiências anteriores com a escola. Di Pierro (2005, p. 1122) enfatiza que “são adolescentes e jovens pobres que, após realizar uma trajetória escolar descontínua, marcada por insucessos e desistências, retornam à escola”.

Esse retorno, contudo, não é destituído de tensões: memórias de fracasso, inseguranças e receios convivem com expectativas de melhoria das condições de vida e com a busca pelo exercício ampliado da cidadania. Arroyo (2001) ressalta que o público da EJA é constituído por jovens e adultos com história e trajetória social, racial e territorial que precisam ser evidenciadas para que a prática educativa se conecte aos projetos de vida desses sujeitos. Nessa direção, a oferta de EJA não pode ser tratada como ação compensatória, mas como política de direitos, especialmente quando se considera que muitos estudantes residem em periferias urbanas e territórios rurais, onde a oferta educacional é irregular ou insuficiente.

Do ponto de vista normativo, a Constituição Federal de 1988 estabelece a obrigatoriedade e a gratuidade da educação básica e assegura, também, o atendimento àqueles que não concluíram a escolarização na idade prevista, considerando condições compatíveis com a realidade dos educandos (Brasil, 1988). A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996), alterada pela Lei nº 12.796/2013, reafirma a obrigatoriedade e a gratuidade do ensino fundamental e médio para jovens e adultos que não concluíram a educação básica, além de prever medidas de recenseamento e busca ativa (Brasil, 1996; 2013). Assim, reconhecer a EJA como modalidade de direitos implica discutir o que se ensina, como se ensina e, de modo decisivo, como se avalia, evitando que a avaliação opere como instrumento de exclusão.

## **Avaliação da aprendizagem: concepções e desafios na EJA**

A compreensão da avaliação da aprendizagem como processo formativo, dialógico e comprometido com o desenvolvimento dos sujeitos exige um aprofundamento teórico que

ultrapasse sua função meramente classificatória. Nesse campo, diferentes autores têm contribuído para problematizar concepções tradicionais de avaliação e apontar possibilidades de ressignificação das práticas avaliativas no contexto escolar. Moretto (2010) defende a avaliação como momento privilegiado de construção do conhecimento, enquanto Perrenoud (1999) enfatiza a centralidade das dimensões qualitativas e do acompanhamento dos processos de aprendizagem. Villas Boas (2007), por sua vez, destaca a importância de compreender erros e dificuldades como pistas diagnósticas, capazes de orientar intervenções pedagógicas mais ajustadas às necessidades dos estudantes. Esses aportes teóricos tornam-se especialmente relevantes quando situados no contexto da Educação de Jovens e Adultos, modalidade marcada por trajetórias escolares interrompidas, heterogeneidade de experiências e múltiplas formas de aprender.

O ato de avaliar não possui um fim em si mesmo; supõe intervenção pedagógica. Luckesi (2011) argumenta que a avaliação só faz sentido quando orientada à busca de soluções, e não quando ocorre apenas ao final de períodos em que já não há tempo de reorientar o processo. O autor também diferencia avaliação de exame, indicando que o exame se concentra no passado e no produto, enquanto a avaliação se volta ao futuro, ao que o estudante já sabe e ao que precisa aprender. Nessa direção, Luckesi (2011, p. 123) afirma que “um educador que avalia tem noção clara de que a aprendizagem não depende exclusivamente do próprio educando nem, com exclusividade, do próprio educador”. Em chave convergente, Villas Boas (2007, p. 15) ressalta que, nessa concepção, “não se encontra disponível para incluir nota, conceito ou menção. Avalia-se para promover a aprendizagem do aluno”.

Hoffmann (2014) chama atenção para o descompasso entre discurso e prática na avaliação escolar. A autora identifica que muitos professores não dispõem de concepções claras sobre avaliação, o que favorece a reprodução de posturas punitivas e classificatórias. Para romper com essa contradição, Hoffmann (2014, p. 17) sustenta que “é necessária a tomada de consciência dessas influências para que a nossa prática avaliativa não reproduza, deliberadamente, a arbitrariedade e o autoritarismo que contestaram pelo discurso”. A autora observa, ainda, que a avaliação como julgamento tende a considerar apenas “as modificações que se produzem de um lado, o do aluno” (Hoffmann, 2014, p. 25), reforçando relações assimétricas e pouco inclusivas.

No debate sobre avaliação formativa, Perrenoud (1999) evidencia o estranhamento institucional quando práticas avaliativas escapam do modelo clássico de provas e exercícios, destacando que,

[...] tudo o que se afasta de uma preparação para a avaliação clássica (prova oral ou escrita) parece um pouco exótico, anedótico, não muito sério e, no final das contas, estranho ao trabalho escolar tal como a avaliação tradicional fixou no imaginário pedagógico dos adultos: exercícios, problemas, ditados, redações, inúmeras tarefas que se prestam a uma avaliação clássica (Perrenoud, 1999, p. 148).

Ao mesmo tempo, o autor reforça que “uma avaliação formativa coloca à disposição do professor informações mais precisas, mais qualitativas, sobre os processos de aprendizagem, as atitudes e as aquisições dos alunos” (Perrenoud, 1999, p. 149), o que aponta para seu potencial pedagógico.

Complementarmente, Villas Boas (2007) destaca a relevância da avaliação informal e sua dimensão ética, ao afirmar que,

[...] a avaliação tem de ser feita com ética: não se podem usar suas informações para outro objetivo que não seja o de contribuir para a aprendizagem do aluno. Suas fragilidades não devem ser relatadas publicamente. Avalia-se a aprendizagem do aluno e não as suas características pessoais (Villas Boas, 2007, p. 15).

A autora também discute procedimentos avaliativos diversos — observação, entrevistas, registros reflexivos, portfólio, autoavaliação — e enfatiza o potencial formativo do portfólio, pois “o portfólio é um procedimento de avaliação que permite aos alunos participar da formulação dos objetivos da sua aprendizagem e avaliar o seu progresso” (Villas Boas, 2007, p. 27). Quanto à prova, Moretto (2010, p. 9) reforça que “não é acabando com a prova escrita ou oral que melhoramos o processo de avaliação da aprendizagem, mas ressignificando o instrumento e elaborando-o em uma nova perspectiva pedagógica”.

Ao abordar a avaliação especificamente na EJA, reconhece-se que o campo ainda apresenta menor densidade de produções próprias, o que Barcelos (2014) problematiza ao afirmar que a avaliação é, no plano teórico, um tema historicamente subvalorizado. Ainda assim, a articulação entre concepções formativas e as especificidades dos sujeitos da EJA oferece diretrizes importantes: considerar trajetórias de vida, motivações diversas e experiências prévias de escolarização. Martins (2017, p. 65) afirma que “pensar a avaliação na EJA considera-se que os docentes busquem superar padrões e modelos e rompê-los com vistas às diferenças que essa modalidade carrega”. Nesse sentido, o autor destaca que,

Pensar a avaliação na e para a EJA impõe problematizar e evidenciar as representações que se tem do processo avaliativo, considerando as diferentes concepções e práticas, além da diversidade presente nessa modalidade: longa experiência de vida acumulada, dentre elas, a passagem pela escola, a inserção dos sujeitos no mundo do trabalho, as diferentes idades, origens, cultura, entre outros” (Martins, 2017, p. 61).

Lima (2024) também enfatiza a avaliação como processo contínuo e sistemático na didática do professor, ao afirmar que

O processo de avaliação na EJA assim como em qualquer outra modalidade de ensino é um momento muito importante na didática do professor, isto porque este é um momento de compreendê-la como um processo contínuo e sistemático para que se possa acompanhar a evolução do aluno ao longo da sua jornada, e assim, fazer as devidas intervenções quando necessárias, no intuito de que sejam alcançados os objetivos, o ensino e aprendizagem (Lima, 2024, p. 27).

Por fim, destaca-se que a avaliação, em perspectiva crítica, envolve também o educador avaliar sua própria prática. Freire (1989, p. 47) afirma que “avaliar a prática é analisar o que se faz, comparando os resultados obtidos com as finalidades que procuramos avançar com a prática. A avaliação da prática revela acertos, erros e imprecisões”, e reforça que “a avaliação corrige a prática, melhora a prática, aumenta a nossa eficiência. O trabalho de avaliar a prática jamais deixa de acompanhá-la” (Freire, 1989, p. 47). Assim, a avaliação na EJA, quando articulada a uma perspectiva formativa, ética e dialógica, pode contribuir para o fortalecimento das práticas pedagógicas e para a permanência e o sucesso dos sujeitos na modalidade.

## Resultados

### A produção científica sobre Avaliação da Aprendizagem na EJA

A busca pelas produções sobre avaliação da aprendizagem na EJA foi realizada nas bases SciELO, Revista EJA em Debate, Revista Internacional de Educação de Jovens e Adultos (RIEJA) e Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos, utilizando o descritor “Avaliação AND Aprendizagem AND Educação de Jovens e Adultos”, com recorte temporal de 2013 a 2023. Como critério de inclusão, foram selecionados apenas textos que tratassem explicitamente da avaliação da aprendizagem na EJA, com abordagem teórica e/ou metodológica identificável.

**Quadro 1 – Produções localizadas na SciELO (2013–2023)**

Tema	Ano	Autores	Palavras-chave	Desafios	Práticas
Proceso de reflexión docente para mejorar las prácticas de evaluación de aprendizaje em el contexto de La educación	2016	Juan Ariel Muñoz Olivero; Carolina Pilar Villagra Bravo; Segundo Edgardo	Reflexão pedagógica, prática docente, avaliação da aprendizagem.	Falta de material específico; conflito entre prática e concepções; heterogeneidade da turma e dificuldade em dialogar conteúdo e vivência dos educandos.	Construção de práticas avaliativas e diálogo sobre avaliação com os estudantes.

para jóvenes y adultos (EPJA)		Sepúlveda Silva.			
-------------------------------	--	------------------	--	--	--

Fonte: elaborado pelas autoras (2025)

Na SciELO, foi localizado **apenas um artigo** no período delimitado, o que evidencia baixa incidência de publicações indexadas nessa base sobre avaliação na EJA. O estudo (Muñoz Olivero; Villagra Bravo; Sepúlveda Silva, 2016) é um estudo de caso que analisa discursos docentes para compreender concepções de avaliação e seus efeitos na prática. Os resultados do próprio artigo sinalizam problemas como falta de clareza conceitual docente, discrepância entre discurso e prática, verticalização das relações professor–aluno e persistência de modelos somativos.

#### Quadro 2 pesquisa realizada na revista EJA em debate

tema	ano	autores	Palavras - chave	Desafios	Práticas
Os desafios enfrentados pelos professores da educação de jovens e adultos diante do processo de avaliação da aprendizagem dos alunos	2019	Regina Magna Bonifácio de Araújo, Mayara Carvalho Martins	Educação de Jovens e Adultos. Avaliação. Avaliação na EJA. Desafios docentes.	Falta de material específico; o conflito entre a prática pedagógica do professor e as representações de escola e dos processos de ensino dos alunos da EJA; heterogeneidade nos níveis de conhecimento dos alunos; diálogo dos conteúdos com as vivências cotidianas dos educandos; frequência e as turmas multisseriadas.	Uso do diálogo.

Fonte: elaborado pelas autoras.

No periódico, identificou-se um estudo cujo objetivo explicita a avaliação como dimensão articulada ao processo de ensino-aprendizagem: “apresentar os desafios que os professores dessa modalidade enfrentam em sua prática cotidiana ao elaborarem os processos de ensino e aprendizagem, bem como ao lidarem com a avaliação da aprendizagem” (Araújo; Martins, 2019, p. 3). Trata-se de pesquisa descritiva com docentes de EJA, na qual os desafios do ensino emergem como condicionantes diretos do avaliar na modalidade.

#### Quadro 3 Revista internacional de educação de jovens e adultos (RIEJA)

Tema	ano	Autores	Palavras chave	Desafios	Práticas
Diário de aula: avaliação do ensino-aprendizagem no contexto da Educação de Jovens e Adultos privados de liberdade	2020	Carla Poennia Gadelha Soares; Tania Vicente Viana	Educação. EJA. Prisão. Diários de aula.	Falta de reflexão sobre a prática avaliativa; ausência de autoavaliação docente; paradoxo entre o registro qualitativo e a nota; nota X registros qualitativos; materiais; mudanças radicais no planejamento e autoritarismo.	Uso do diário.

Avaliação da Aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos –EJA: análise quali-quantitativa das produções científicas brasileiras entre 2016 a 2021	2023	José Luis Monteiro da Conceição	Avaliação; Educação de Jovens e Adultos; Ensino	Falta de clareza sobre a política da EJA e a não consideração das especificidade da modalidade.	Portfólio e autoavaliação.
--	------	---------------------------------	---	---	----------------------------

Fonte: elaborado pelas autoras (2025)

Na RIEJA, foram identificados dois trabalhos com aproximações relevantes. O estudo de Soares e Viana (2020) explora o diário de aula como instrumento de reflexão docente e discente em contexto de privação de liberdade, destacando que “é digno pontuar que o diário, não resolve problemas, mas ajuda a tomar consciência deles e, possivelmente enfrentá-los” (Soares; Viana, 2020, p. 128). Já Conceição (2023) realiza análise quali-quantitativa de produções brasileiras (SciELO/CAPES/BDTD), apontando a baixa quantidade de pesquisas empíricas e a predominância de estudos qualitativos de campo (estudo de caso, etnografia, pesquisa-ação).

#### Quadro 04- Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos

Tema	Ano	Autores	Palavras-chave	Desafios	Práticas
X	X	X	X	X	X

Fonte: elaborado pelas autoras (2025)

A busca realizada na Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos, utilizando o descritor “Avaliação AND Aprendizagem AND Educação de Jovens e Adultos”, não resultou na identificação de publicações pertinentes ao recorte temporal estabelecido (2013–2023). Esse resultado evidencia a ausência de estudos que abordem diretamente a avaliação da aprendizagem na EJA nesse periódico específico, o que reforça o caráter ainda incipiente da produção acadêmica sobre a temática, mesmo em revistas especializadas na área.

A inexistência de publicações não deve ser interpretada como irrelevância do tema, mas como um dado expressivo do próprio levantamento, que aponta para lacunas na problematização da avaliação da aprendizagem no campo da EJA. Tal ausência contribui para a invisibilização das discussões sobre práticas avaliativas e seus impactos nos processos de ensino, aprendizagem e permanência dos estudantes, indicando a necessidade de ampliação e fortalecimento das pesquisas voltadas a essa dimensão fundamental da prática pedagógica na modalidade.

## Discussão

### A produção científica sobre a avaliação da aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos

Os resultados do levantamento evidenciam, de forma contundente, a escassez de produções científicas dedicadas à avaliação da aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos (EJA), sobretudo quando se considera a indexação em bases de maior visibilidade acadêmica. A identificação de apenas um artigo na SciELO, no recorte temporal de uma década, e a ausência de publicações na Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos revelam não apenas uma lacuna quantitativa, mas também um silenciamento epistemológico em torno da avaliação como dimensão constitutiva da prática pedagógica na EJA. Esse dado dialoga com a afirmação de Barcelos (2014), ao caracterizar a avaliação como o “primo pobre” da educação, situação que se agrava quando se trata da modalidade destinada a sujeitos historicamente excluídos do sistema escolar.

Embora reduzido em número, o conjunto de estudos analisados permite identificar padrões recorrentes de desafios que atravessam as práticas avaliativas na EJA. Entre eles, destaca-se a falta de clareza conceitual dos docentes sobre avaliação da aprendizagem, apontada no estudo de Muñoz Olivero, Villagra Bravo e Sepúlveda Silva (2016). Essa fragilidade contribui para a manutenção de práticas avaliativas marcadas pela discrepância entre discurso e ação pedagógica, fenômeno amplamente discutido por Hoffmann (2014), ao evidenciar que concepções progressistas nem sempre se traduzem em práticas coerentes no cotidiano escolar. A persistência de avaliações somativas, centradas em provas e atividades finais, reforça relações verticalizadas entre professor e aluno e tende a reduzir a avaliação a um mecanismo de controle e seleção.

Outro eixo recorrente diz respeito às condições estruturais e organizacionais da EJA, que impactam diretamente o processo avaliativo. Araújo e Martins (2019) evidenciam desafios como a heterogeneidade das turmas, a frequência irregular, as classes multisseriadas e a ausência de materiais didáticos específicos. Esses elementos, longe de serem problemas individuais dos estudantes, constituem o contexto real da EJA e demandam práticas avaliativas flexíveis, dialógicas e sensíveis às trajetórias de vida dos educandos. Nesse sentido, a avaliação não pode ser pensada isoladamente, mas articulada às condições de trabalho docente, à formação dos professores e à organização do trabalho pedagógico, conforme aponta Villas Boas (2001).

As produções analisadas também permitem problematizar a avaliação como instrumento de poder, especialmente quando desvinculada de uma perspectiva formativa. O estudo de Soares e Viana (2020), desenvolvido em contexto de privação de liberdade, explicita de forma aguda como a avaliação pode assumir funções disciplinares, afetando diretamente a vida dos estudantes. A nota, nesse contexto, ultrapassa o significado pedagógico e passa a regular deslocamentos, vínculos e até privilégios, o que reforça a dimensão simbólica e material da avaliação. Ainda que se trate de um contexto específico, os achados dialogam com a realidade da EJA de modo geral, na qual muitos estudantes carregam memórias de avaliações punitivas e excludentes, responsáveis por sucessivas rupturas em suas trajetórias escolares.

No que se refere às práticas avaliativas apontadas como possibilidades, observa-se uma convergência em torno de estratégias alinhadas à perspectiva formativa, tais como o diálogo, o portfólio, a autoavaliação e os registros qualitativos, incluindo o diário de aula. Em Soares e Viana (2020), o diário emerge como dispositivo de reflexão docente e discente, ainda que as próprias autoras reconheçam que “o diário não resolve problemas, mas ajuda a tomar consciência deles e, possivelmente, enfrentá-los” (Soares; Viana, 2020, p. 128). Em Conceição (2023), o uso do portfólio e da autoavaliação aparece como estratégia para acompanhar o percurso individual do estudante, valorizando avanços, fragilidades e processos de autorregulação da aprendizagem.

Apesar dessas experiências, uma lacuna significativa se mantém: a relação explícita entre avaliação e as especificidades dos sujeitos da EJA nem sempre é aprofundada nas pesquisas. Mesmo nos estudos que propõem a superação de modelos tradicionais, observa-se, em alguns casos, a ausência de uma problematização mais consistente sobre quem são os educandos avaliados, quais são seus projetos de vida, suas motivações para o retorno à escola e os sentidos atribuídos à aprendizagem na vida adulta. Essa ausência fragiliza a construção de práticas avaliativas verdadeiramente inclusivas e reforça a necessidade de pesquisas que articulem avaliação, memória escolar, trajetórias de vida e permanência.

Nesse sentido, os achados do estado da arte indicam que a avaliação da aprendizagem na EJA precisa ser compreendida como prática pedagógica, ética e política, indissociável do ensino e da aprendizagem, conforme destaca Conceição (2023). A predominância de estudos que apontam para a perspectiva formativa sinaliza avanços importantes, mas ainda insuficientes frente às demandas da modalidade. Ampliar a produção científica sobre avaliação na EJA, com foco nas especificidades dos sujeitos e nos contextos concretos de escolarização, constitui um

passo fundamental para romper com práticas excludentes e fortalecer a EJA como espaço de direito, permanência e emancipação.

## Considerações Finais

O estudo realizado evidenciou uma escassez significativa de produções acadêmicas voltadas à avaliação da aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos (EJA), revelando uma lacuna teórica importante no que se refere à compreensão das especificidades que atravessam essa modalidade de ensino. A análise do estado da arte, realizada a partir do descritor “Avaliação AND Aprendizagem AND Educação de Jovens e Adultos” em quatro plataformas de difusão científica, identificou apenas quatro publicações no recorte temporal de 2013 a 2023, o que aponta para um campo ainda pouco explorado e insuficientemente problematizado na literatura educacional.

Os achados do levantamento permitem afirmar que os desafios relacionados à avaliação na EJA são múltiplos e interligados, envolvendo desde a falta de materiais pedagógicos específicos e a heterogeneidade das turmas até a fragilidade conceitual acerca das práticas avaliativas, a ausência de autoavaliação docente e a permanência de abordagens autoritárias, fortemente associadas à centralidade da nota. Soma-se a isso a dificuldade em substituir práticas classificatórias por registros qualitativos e formativos, bem como a necessidade constante de reorganização do planejamento pedagógico frente às condições concretas de funcionamento da EJA. Tais elementos evidenciam que a avaliação, longe de ser um procedimento isolado, está profundamente imbricada nas condições estruturais, políticas e pedagógicas que sustentam a modalidade.

Nesse cenário, a baixa produção acadêmica sobre a temática, conforme aponta Barcelos (2018), contribui para a escassez de subsídios teóricos capazes de orientar os docentes na construção de práticas avaliativas mais coerentes com os princípios da EJA. Ainda assim, as pesquisas analisadas sinalizam possibilidades relevantes, ao destacarem práticas como o uso de portfólios, a autoavaliação, os registros qualitativos e o diálogo com os educandos como caminhos potentes para a consolidação de uma avaliação formativa, comprometida com os processos de aprendizagem. Conforme defende Villas Boas (2007), essa perspectiva amplia o sentido da avaliação ao beneficiar não apenas o estudante, mas também o professor e a própria instituição escolar.

Contudo, para que a avaliação formativa se efetive de maneira consistente na EJA, torna-se imprescindível um aprofundamento teórico sobre as políticas da modalidade e, sobretudo, sobre os sujeitos que a compõem, suas trajetórias de vida, motivações e experiências escolares anteriores. A avaliação precisa ser compreendida como meio para a aprendizagem, e não como um fim em si mesma. Nessa direção, Luckesi (2011) ressalta a importância de conceber a avaliação como uma via de mão dupla, na qual educador e educando aprendem, refletem e se transformam ao longo do processo educativo.

Por fim, ao se desvincular de abordagens estritamente quantitativas, a avaliação da aprendizagem na EJA pode assumir um papel estratégico na construção de uma cultura escolar que valorize os percursos formativos, a autonomia e o desenvolvimento crítico dos estudantes. Como aponta Martins (2017), essa mudança exige clareza conceitual, reflexão contínua e compromisso ético-político com práticas pedagógicas que reconheçam a EJA como espaço de direito, permanência e emancipação. Nesse sentido, o presente estudo contribui ao evidenciar silêncios, desafios e possibilidades, reafirmando a necessidade de ampliar o debate acadêmico sobre a avaliação da aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos.

## Referências

ANDRADE, Eliane Ribeiro. Educação de jovens e adultos: sujeitos, práticas e perspectivas. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 25, n. 89, p. 1121–1142, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/>. Acesso em: 16 dez. 2025.

ARAÚJO, Regina Magna Bonifácio de; MARTINS, Mayara Carvalho. Os desafios enfrentados pelos professores da educação de jovens e adultos diante do processo de avaliação da aprendizagem dos alunos. **EJA em Debate**, Florianópolis, v. 8, n. 14, p. 1–18, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ifsc.edu.br/index.php/EJAemDebate>. Acesso em: 16 dez. 2025.

ARROYO, Miguel Gonzáles. Educação de jovens e adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 22, n. 75, p. 5–29, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/>. Acesso em: 16 dez. 2025.

ARROYO, Miguel Gonzáles. **Educação de jovens e adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública**. Petrópolis: Vozes, 2006. Disponível em: <https://www.editoravozes.com.br>. Acesso em: 16 dez. 2025.

BARCELOS, Valdo Hermes de Lima. Avaliação da aprendizagem na educação de jovens e adultos: desafios e perspectivas. **Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos**, Salvador, v. 2, n. 3, p. 45–58, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbeja>. Acesso em: 16 dez. 2025.

BARCELOS, Valdo Hermes de Lima. Avaliação: o primo pobre da educação? In: BARCELOS, Valdo Hermes de Lima. **Avaliação educacional: sentidos, desafios e**

**possibilidades.** Porto Alegre: Mediação, 2018. p. 21–36. Disponível em:  
<https://www.editoramediacao.com.br> . Acesso em: 16 dez. 2025.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em:  
[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm) . Acesso em: 16 dez. 2025.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em:  
[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm) . Acesso em: 16 dez. 2025.

BRASIL. Lei nº 12.796, de 4 de abril de 2013. Altera a Lei nº 9.394/1996. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 5 abr. 2013. Disponível em:  
[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2013/lei/112796.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/112796.htm). Acesso em: 16 dez. 2025.

COELHO, Iure Dourado; OLIVEIRA, Isaura Francisco de; SOARES, Cecília Conceição Moreira. A cor da Educação de Jovens e Adultos no Brasil. **Plurais: Revista Multidisciplinar**, Salvador: UNEB, 2024. Disponível em:  
<https://www.revistas.uneb.br/plurais/article/view/26873>. Acesso em: 16 dez. 2025.

CONCEIÇÃO, José Luis Monteiro da. Avaliação da aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos: análise quali-quantitativa das produções científicas brasileiras entre 2016 e 2021. **Revista Internacional de Educação de Jovens e Adultos**, Salvador, v. 6, n. 12, p. 1–22, 2023. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rieja>. Acesso em: 16 dez. 2025.

DI PIERRO, Maria Clara. Educação de jovens e adultos no Brasil: questões, desafios e perspectivas. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 92, p. 1115–1138, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/>. Acesso em: 16 dez. 2025.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** São Paulo: Cortez, 1989. Disponível em: <https://www.editoracortez.com.br>. Acesso em: 16 dez. 2025.

HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. **Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade.** 33. ed. Porto Alegre: Mediação, 2014. Disponível em:  
<https://www.editoramediacao.com.br>. Acesso em: 16 dez. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **PNAD Contínua: Educação 2023.** Rio de Janeiro: IBGE, 2024. Disponível em:  
<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/educacao>. Acesso em: 16 dez. 2025.

LIMA, Edvanio da Silva. Avaliação da aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos: práticas, desafios e possibilidades. **Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos**, Salvador, v. 11, n. 22, p. 15–32, 2024. Disponível em:  
<https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbeja>. Acesso em: 16 dez. 2025.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2002. Disponível em: <https://www.editoracortez.com.br>. Acesso em: 16 dez. 2025.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem: componente do ato pedagógico**. São Paulo: Cortez, 2011. Disponível em: <https://www.editoracortez.com.br>. Acesso em: 16 dez. 2025.

MARTINS, Mayara Carvalho. Avaliação da aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos: desafios e possibilidades. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 33, e170212, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/>. Acesso em: 16 dez. 2025.

MORETTO, Vasco Pedro. **Prova: um momento privilegiado de estudo, não um acerto de contas**. 8. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2010. Disponível em: <https://www.editoralamparina.com.br>. Acesso em: 16 dez. 2025.

MUÑOZ OLIVERO, Juan Ariel; VILLAGRA BRAVO, Carolina Pilar; SEPÚLVEDA SILVA, Segundo Edgardo. Proceso de reflexión docente para mejorar las prácticas de evaluación de aprendizaje en el contexto de la educación para jóvenes y adultos (EPJA). **Revista Electrónica Educare**, Heredia, v. 20, n. 2, p. 1–20, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.una.ac.cr/index.php/educare>. Acesso em: 16 dez. 2025.

OLIVEIRA, Isaura Francisco de. Exclusão escolar na Educação de Jovens e Adultos: desafios e resistências. **Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos**, Salvador, v. 6, n. 12, p. 89–105, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbeja>. Acesso em: 16 dez. 2025.

OLIVEIRA, Isaura Francisco de; ALVES, Érica Valéria; BOAVENTURA, Edivaldo Machado. Políticas públicas na gestão da EJA no município de Riacho de Santana-BA: encontros e desencontros. In: AMORIM, Antônio; DANTAS, Tânia Regina; AQUINO, Maria Sacramento (org.). **Educação de jovens e adultos: políticas públicas, formação de professores, gestão e diversidade multicultural**. Salvador: EDUFBA, 2017. p. 119–142. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br>. Acesso em: 16 dez. 2025.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens**. Porto Alegre: Artmed, 1999. Disponível em: <https://www.grupoa.com.br>. Acesso em: 16 dez. 2025.

SANTOS, Edna Aparecida dos; VARELA, Maria de Lourdes. Avaliação diagnóstica, formativa e somativa: conceitos e práticas. **Revista de Educação**, Brasília, v. 10, n. 2, p. 1–10, 2007. Disponível em: <https://periodicos.unb.br>. Acesso em: 16 dez. 2025.

SOARES, Carla Poennia Gadelha; VIANA, Tania Vicente. Diário de aula: avaliação do ensino-aprendizagem no contexto da Educação de Jovens e Adultos privados de liberdade. **Revista Internacional de Educação de Jovens e Adultos**, Salvador, v. 4, n. 8, p. 115–134, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rieja>. Acesso em: 16 dez. 2025.

VILLAS BOAS, Benigna Maria de Freitas. Avaliação formativa: práticas inovadoras. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 21, n. 55, p. 49–64, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/>. Acesso em: 16 dez. 2025.

VILLAS BOAS, Benigna Maria de Freitas. **Avaliação formativa e formação de professores**. Campinas: Papirus, 2007. Disponível em: <https://www.editorapapirus.com.br>  
Acesso em: 16 dez. 2025.

### **SOBRE O/A(S) AUTOR/A(S)**

**Edivania Fernandes de Souza**. Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Atua como professora da Educação Básica e desenvolve trabalho na área da educação inclusiva, com experiência como cuidadora de adolescentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Contribuição de autoria: Autora.

Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/3781157683923245>

**Isaura Francisco de Oliveira**. Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB/PPGED). É professora da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação do Campo, Agroecologia, Trabalho e Educação Ambiental (GEPECATEA/CNPq).

Contribuição de autoria: Autora.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2419711675192263>

**Cecilia Conceição Moreira Soares**. Docente Pleno na Universidade do Estado da Bahia - UNEB, Campus I - Departamento de Educação. Líder do Grupo de Pesquisa GEPMAB (Grupo de Pesquisa e Estudo sobre Memória Afro Baiana) da Universidade do Estado da Bahia (UESB). Membro do Grupo de Pós-Graduação em Educação (UESB). Distância UNEAD/UNEB/Campus I.

Contribuição de autoria: Autora.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4052594991528106>

### **Como citar este artigo**

SOUZA, Edivania Fernandes de; OLIVEIRA, Isaura Francisco de. SOARES, Cecilia Conceição Moreira. Avaliação da aprendizagem na educação de jovens e adultos: silêncios, desafios e possibilidades. **Revista Educação em Páginas**, Vitória da Conquista, v. X n. X, 2025. DOI:10.22481/redupa.v4i04.18477